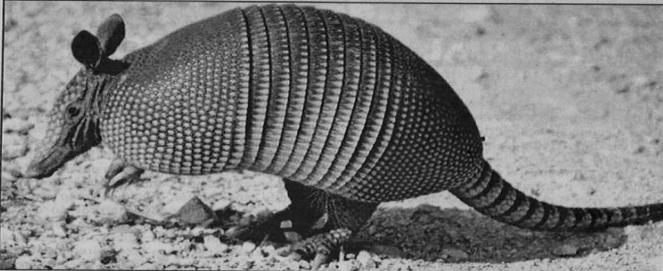


## O Impacto – Coluna: “Gerais” 06 de Julho de 2018

### PESQUISA EM BELTERRA COMPROVA - CARNE DE TATU PROVOCA HANSENÍASE



De 146 pessoas entrevistadas em Belterra, sete foram diagnosticadas com hanseníase

Por Jefferson Miranda

Os pesquisadores Juliana Portela e Moisés Silva, da Universidade Federal do Pará, entrevistaram e testaram 146 pessoas em Belterra, no oeste do Pará. Os cientistas analisaram a frequência das interações dessas pessoas com tatus e também os níveis de anticorpos contra a hanseníase foram medidos no sangue desses indivíduos.

Segundo a pesquisa, 2% dos tatus na Amazônia no oeste do Pará testaram positivo para a *Mycobacterium leprae* (bactéria causadora da lepra ou hanseníase).

Das 146 pessoas entrevistadas no município de Belterra, sete foram diagnosticadas com hanseníase; 63% (92) apresentavam sinais de anticorpos contra a lepra, o que indica contato com a bactéria.

Aqueles que mais consumiam carne de tatu tinham maiores níveis de anticorpos contra a lepra que aqueles que não consumiam a carne. Levando-se em consideração as altas taxas de hanseníase na Amazônia, pesquisadores acreditam que a rota de transmissão tatu-humanos não seja um fenômeno recente na região.

Os resultados foram publicados na "PLoS

Neglected Tropical Diseases" e mostrou que 62% dos tatus que vivem na Amazônia brasileira (especificamente no oeste do Pará) testaram positivos para a *Mycobacterium leprae* -- bactéria causadora da hanseníase, ou da lepra, como a doença é conhecida.

Da análise, em Belterra, cientistas encontraram que aqueles que consumiam a carne mais frequentemente apresentaram maiores níveis de anticorpos.

A pesquisa também teve a participação de cientistas dos Estados Unidos, como John Spencer, da Universidade do Estado do Colorado (EUA).

**FIQUE POR DENTRO:** A hanseníase, comumente conhecida como lepra, é uma doença infecciosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, ou bacilo de Hansen, que lesiona os nervos periféricos e diminui a sensibilidade da pele. Geralmente, o distúrbio ocasiona manchas esbranquiçadas em áreas como mãos, pés e olhos, mas também podem afetar o rosto, as orelhas, nádegas, braços, pernas e costas. A doença tem cura, porém, exige tratamento prolongado para não desencadear problemas ao paciente ou a transmissão da bactéria para indivíduos de convívio próximo. Nos dias de hoje, sabe-se que

não há necessidade do isolamento dos indivíduos, pois o SUS fornece a medicação necessária para recuperação dos portadores da hanseníase.

A hanseníase detém o título de uma das doenças mais antigas da história da humanidade, com relatos que datam até 1350 a.C. O registro oficial aconteceu somente em 1873, pelo médico norueguês Gerhard Armauer Hansen, responsável pela identificação do bacilo causador da doença. Antigamente, por falta de conhecimentos específicos, a hanseníase carregava um grande preconceito, associando os portadores ao pecado, à impureza e a desonra. O tratamento dos pacientes consistia em excluí-los da sociedade, com o impedimento de visitar ambientes sociais, como igrejas e escolas, obrigação de usar roupas e luvas específicas e carregar sinos que anunciasse sua presença. A enfermidade era constantemente confundida com outras doenças de pele e venéreas, que também não apresentavam a cura.

No Brasil, até 1962, a política visava afastar os portadores da doença ao obrigá-los a se isolar em leprosários e queimar todos seus pertences. Após a internação compulsória deixar de ser obrigatória, a Organização Mundial da Saúde passou a recomendar o tratamento com a poliquimioterapia, que se trata do uso de antibióticos oferecidos gratuitamente para todos os pacientes do mundo. O avanço das descobertas e o fornecimento da cura da hanseníase fez 5,4 milhões de casos registrados em 1985 se reduzirem a pouco mais de 200.000, em 2008.

Atualmente, a prevalência da doença está diretamente ligada a condições precárias de higiene, afetando regiões mais carentes, como Brasil, Índia, Madagascar, Moçambique, Mianmar e Nepal. O Brasil é o País com maior número de casos de hanseníase na América Latina, com o valor estimado de mais de 33 mil doentes, em 2011.

**TIPOS DE HANSENÍASE:** Os tipos de hanseníase são classificados de acordo com a resposta do nosso organismo à presença da bactéria. A doença se apresenta em quatro formas clínicas: indeterminada, tuberculóide ou paucibacilar (com poucos bacilos), borderline ou dimorfa (com poucos bacilos), e lepromatosa ou multibacilar (com muitos bacilos).

**Hanseníase indeterminada** – Fase inicial da doença que espontaneamente se evolui para cura,

por conta do sistema imunológico do indivíduo ser capaz de combater a bactéria. Nota-se apenas uma pequena mancha na pele, hipopigmentada ou avermelhada com distúrbio de sensibilidade e bordas levemente elevadas. Representa 90% dos casos, normalmente em crianças. Quando a hanseníase começa nesse estágio, somente 25% dos casos evoluem para outras formas mais graves, o que pode ocorrer entre 3 a 5 anos.

**Hanseníase tuberculóide ou paucibacilar** - A hanseníase paucibacilar é a forma mais benigna e localizada, que ataca os indivíduos com alta resistência ao bacilo de Hansen. O sistema imunológico não consegue destruí-lo, porém também não permite que se espalhe pelo corpo. Esse tipo é caracterizado pela presença de poucos bacilos, que podem não ser detectados quando são retiradas amostras das lesões. A doença não é contagiosa nesse estágio. Como na forma indeterminada, as lesões que se manifestam na hanseníase paucibacilar são hipopigmentadas ou avermelhadas. As manchas são poucas, ou únicas, de limites bem definidos, pouco elevadas e dormentes, que podem causar dor e atrofiar os músculos próximos, geralmente em quantidades mínimas.

**Hanseníase borderline ou dimorfa** - Forma intermediária da doença que resulta de uma imunidade também intermediária. Há mais manchas na pele que podem atingir grandes áreas da pele, envolvendo partes da pele sadia. Acomete os nervos próximos as lesões, podendo ocorrer neurites agudas de grave prognóstico.

**Hanseníase multibacilar, lepromatosa ou virchowiana** - Manifestação grave e contagiosa da doença, caracterizada pela presença de 6 ou mais lesões de pele com muitos bacilos. A hanseníase multibacilar se apresenta quando o paciente possui o sistema imune incapaz de controlar a proliferação da bactéria, por isso há amostras positivas para o bacilo de Hansen. Formam-se várias lesões avermelhadas, elevadas, e, em casos graves, há o aparecimento de nódulos que podem ser deformantes. Os inchaços são generalizados e há erupções cutâneas, dormência e fraqueza muscular. Geralmente, atingem o lobo das orelhas e o zótopo, mas o nariz, rins e órgãos reprodutivos masculinos também podem ser afetados.